

CAMPINA GRANDE

Na incursão que fizemos à Paraíba no início de agosto incluímos uma visita a Campina Grande, a segunda maior cidade do estado, que não conhecíamos. O Hamilcar Pucci, amigo da juventude que vive lá indicou um taxista para nos levar. A cidade rivaliza com a pernambucana Caruaru para ver quem faz o maior “São João” do mundo e está levando a melhor por enquanto. A estrada de 128 km que nos leva de João Pessoa a Campina Grande é uma rodovia federal toda duplicada, em excelente estado de conservação. O melhor: não tem pedágio. A paisagem é parecida em toda a viagem, plana, fazendas de gado, leite, cana de açúcar, sítios, açudes, lugarejos e a praga de condomínios fechados gigantescos.

Ao longo da viagem ao alto do planalto de Borborema, um respiro engraçado, as placas anunciam as saídas das vicinais para cidades de nomes pitorescos que parecem saídos dos romances de Ariano Suassuna: Pedras de Fogo, Riachão do Bacamarte, Catolé do Rocha, Gurinhém, Café do Vento.

A chegada à cidade impressiona. Grandes avenidas, prédios altíssimos, muitas obras em andamento. Fomos direto ao que chamam de “Açude Velho”, queria conhecer o Museu de Arte Popular da Paraíba – MAPP, alcunhado de “museu dos três pandeiros” e projetado por Oscar Niemeyer. O prédio impressiona ainda mais pela beleza do lugar. O açude é enorme e os “pandeiros” se projetam sobre as águas em enormes balanços de concreto, acessíveis por rampas curvas. Dentro, várias exposições de arte bem montadas pela Universidade Estadual.

Campina Grande tinha 420 mil habitantes no censo de 2022. É uma cidade antiga, importante polo econômico desde o século XVIII ao concentrar tropeiros e comerciantes, seguida por uma fase de grande produção de algodão que trouxe o trem de ferro. Hoje é um dos grandes polos industriais do nordeste e também de tecnologia. A universidade estadual da Paraíba tem seu campus na cidade e não na capital, a UNIFACISA (privada) também tem um grande campus, onde costuma dar trabalho ao time de basquete de Franca quando se enfrentam pelo NBB. A cidade também é a terra onde Jackson do Pandeiro começou a sua extraordinária carreira, que inclui clássicos da música popular como “Chiclete com banana” e “Sebastiana”. No entorno do açude há inúmeras atrações, como outros museus, parques, restaurantes e uma pista de caminhada que contorna todo o lugar, engatilhado com o chamado Parque do Povo, onde se realiza a festa de São João. Numa pequena praça, uma homenagem, as estátuas de Jackson do Pandeiro e Gonzagão com sua sanfona.

Ao lado do açude, o Museu Digital do Sesi é outro achado. Acopla uma arquitetura high-tech com um monumento aos “Tropeiros de Borborema” que sai de dentro do edifício, originalmente previsto como homenagem ao 150º aniversário da cidade e foi adaptado ao museu pelo Sesi. Os equipamentos digitais contam de forma didática a história da cidade, simples mas interessante, até Franca conseguiria fazer algo assim se houvesse disposição do Poder Público. O Museu do Algodão estava fechado, fica na antiga e desativada estação ferroviária. Os trilhos desativados estão sendo usados para implantar um VLT que atenderá a região metropolitana, como acontece em João Pessoa. Fomos também ao Parque do Povo ou do Açude Novo, integrado ao Parque do Forró, fantástico. Um bom exemplo de área verde e de lazer integrado ao entorno, com espaço para atividades físicas, apresentações artísticas, um jardim sensorial, mas tudo muito bem cuidado e com um belo projeto de arquitetura e paisagismo. Caminhamos também pelo centro histórico com sua arquitetura art-déco, são centenas de construções assobradadas na região comercial, muito movimentada e frequentada pela população. Essa tipologia arquitetônica é expressão do auge do ciclo do algodão, em meados dos anos 1930 e são muitas as obras que merecem ser vistas, desde a biblioteca central aos correios.

Almoçamos às margens do açude velho no tradicional “Bar do Cuscuz”, com vista para agradável paisagem, que tem como sócio o Hulk, jogador de futebol, muito bem montado e com comida boa.

Passamos pelo abandonado estádio do time do Treze para encerrar a breve visita no Museu de Arte e Ciência, um espetacular edifício com retrofit sobre o original de Acácio Gil Borsoi mantido por uma fundação privada ligada à UNIFACISA. Além do prédio incrível, com salas de exposições, oficinas, teatro e um café, as exposições também eram excepcionais: uma imersão sobre a história do cordel e de sua xilogravura, com projeções que colocam o espectador como parte das obras. A cidade só tem um defeito: não tem praia. Tivemos que retornar para Jampa.

Mauro Ferreira é arquiteto